

CORPOS JOVENS EM EVIDÊNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O QUE PODE UM CORPO? ¹

Martha Copolillo,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Adriana Martins Correia,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Luciana Collier,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Thayane de Araujo Rodrigues,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Ingrid Lourenço de Amorim Corrêa,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Esse relato é fruto de uma pesquisa concluída com jovens do Ensino Médio. Tivemos como fio condutor a pergunta “O que pode um corpo?”, com o objetivo de sentir e problematizar com os discentes como estão constituindo os processos de “ser corpo” no contexto pandêmico. Desenvolvemos oficinas a partir de questões trazidas pelo grupo, nas quais se evidenciou os jovens querem e precisam falar sobre essas questões na escola e que as aulas de Educação Física são espaços potentes para essas discussões

PALAVRAS-CHAVE: Corpos; Jovens; Pandemia

INTRODUÇÃO

Este trabalho é umas das tecituras de um Grupo de Pesquisa, que tem como foco estudos acerca dos corpos e expressividades e as dobras dessas temáticas que, nesse texto, circulam por questões que brotam de ações pedagógicas realizadas com jovens durante a pandemia. Aqui relatamos uma experiência com uma turma do ensino médio em 2020, de um colégio de aplicação de uma universidade do Rio de Janeiro. O fio condutor partiu da

¹ O trabalho foi apoiado por três bolsas do Programa Licenciaturas (PROGRAD-UFF), obtidas através do Edital n. 11/2019 seleção interna de projetos para o programa licenciaturas 2020

pergunta “O que pode um corpo?” com o objetivo de ouvir e problematizar com esses discentes como estão constituindo os processos de “ser corpo” nesse contexto pandêmico e como estão lidando com isso na escola. O trabalho, em forma de oficinas, surgiu de questões trazidas pelo grupo de jovens e se justifica por buscar complexificar essas discussões a partir de concepções de corpos que se evidenciam como padrões socialmente construídos, para então ampliar outras formas de se “conhecer corpo sujeito”.

PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O Colégio de Aplicação possibilita aos estudantes das licenciaturas vivenciar o estágio supervisionado, projetos de ensino e de pesquisa. Trata-se de uma unidade que funciona em horário integral e o ingresso se dá por meio de sorteio público. O trabalho foi desenvolvido com a turma da terceira série do Ensino Médio, composta por 27 alunos. O planejamento foi construído por meios de reuniões on-line utilizando a plataforma Google Meet. Nossas oficinas foram divididas em dois encontros durante o horário da aula de Educação Física.

Já tínhamos tido o primeiro contato com a turma antes da pandemia, portanto, as oficinas remotas aconteceram depois de conhecê-los, saber de seus desejos e inquietações. Assim sendo, partimos do que ganhou destaque nas falas discentes no ano anterior, ou seja, buscamos problematizar as questões de ausências de oportunidades e injustiças sociais trazidas pelos alunos. Os debates que surgiram anteriormente versaram particularmente sobre as dificuldades de acesso a outros espaços sociais além da escola e também trouxeram a realidade de que para sentir-se incluído não basta estar no espaço acadêmico.

Partindo disso, trabalhamos fundamentadas nas pedagogias críticas da libertação, já que as mesmas “atendem a essas preocupações [pertencentes às políticas de identidade] e necessariamente abraçam as experiências, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimentos válidos” (HOOKS, 2017, p. 120).

A criação das oficinas teve como base também a perspectiva multiculturalista de educação, ao reconhecer as diferenças socioculturais no processo de elaboração das atividades, e ao colocar em evidência que a escola é o espaço de “mediação reflexiva daquelas [destas] influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações” (CANDAUI, 2008, p.15 apud. GÓMEZ, 1994; 2001). Em diálogo com a multiculturalidade, o conceito de cultura corporal (SOARES, et al.,1992) é adotado pelo

grupo como um marco conceitual importante para trabalhar com os corpos sujeitos e, potencializar ampliações das concepções de corpos.

A questão “O que pode o corpo?” é considerada a partir da polissemia que marca a palavra “pode” (poder, potência, interdição, limite...). A proposta é pensar o corpo como um devir (DELEUZE, 2004). Há um devir corpo que não se limita ao corpo. Um devir não é imitação ou sujeição, “os devires são actos que só podem ser contidos numa vida e expressos num estilo” (PARNET; DELEUZE, p.13, 2004). Assim, pensamos no corpo como o “traçado de um devir” (PARNET; DELEUZE, p.12, 2004).

Assim como Carrano (2011), entendemos que a concepção de juventude abarca a combinação de distintas maneiras de enxergar a questão juvenil colabora para se tentar responder à pergunta sobre quando alguém deixa de ser jovem e atinge a vida adulta. Essa resposta, depende tanto de indicadores relacionados a transformações vividas pelo corpo biológico quanto àquilo que se refere aos dados sociais objetivos e às representações que cada sociedade empresta ao conceito de jovem e juventudes. Rompemos com a ideia linear de que a cronologia é definidora do que pensamos acerca das juventudes. Entendemos que falar de juventudes ultrapassa os limites fisiológicos e abraça também as questões psicossociais que estão relacionadas com esse momento da vida. (CARRANO, 2011, p.8).

DAS OFICINAS

Como o foco das narrativas discentes circulou entorno de que “é preciso ter oportunidade para que se possa escolher”, iniciamos a oficina mostrando um trecho de uma entrevista feita pelo ator Lázaro Ramos, no programa Espelho do Canal Brasil, com o rapper Criolo, em 2013. Conversando sobre questões sociais e culturais brasileiras, o cantor traz reflexões como “Ascensão da classe C é dinheiro?”, “É tipo leite que a gente comprava, leite tipo C, aí tinha um tipo A, da fazenda... A gente já ficou numa caixinha de novo, entendeu?”, “Classe C de quê, de nota C, que você não tirou nem A nem B?”. Procuramos saber dos alunos quem seria essa classe C a qual ele se refere, quais seriam as marcas desta classe C e se o conjunto dessas características correspondia ao processo identitário desse grupo.

Abrimos espaço para depoimentos e dúvidas, sempre reforçando a ideia de que os ouvir é muito importante. E assim falaram: “classe c tem falta de acesso a escolas de qualidade” “acesso bem limitado aos direitos básicos” “falam dos negros, do povo negro que foi escravizado” “veem o povo negro como algo ruim” “usam até a expressão “magia negra”,

“ovelha negra”. Ao mesmo tempo que nos emocionavam, mostravam nas suas narrativas a potência, a indignação, a capacidade crítica e a consciência do mundo em que vivemos.

No segundo encontro levamos como proposta inicial apresentar um vídeo que traz um trecho do conto "Melô da Contradição" da autora Cidinha da Silva, interpretada por Naruna Costa. Abrimos uma roda de conversas e provocamos com alguns comentários. Nesse momento, uma pausa nas falas trouxe um silêncio nos fez pensar o quanto esses corpos em isolamento social estavam afetados, e sem paradoxos, quietos e silenciosos, mas precisando falar e com muito o que dizer. Desafiámos e trouxemos perguntas para levantar a discussão como: Que tipo de racismo estava sendo falado? Existe igualdade de raças? O que seria raça? O que seria etnia? O que seria racismo institucional? Conforme levantávamos estas questões, os alunos começaram a interagir trazendo ideias e construindo um diálogo.

O intuito dessas perguntas era perceber o que os alunos entendiam sobre esses conceitos e se já tinham ouvido falar a respeito e como eles enxergavam dentro da realidade, seja por experiência pessoal ou por meio de terceiros. Trouxemos também para o debate o termo “racismo estrutural” dentro do Esporte. Os alunos citaram tanto atletas que sofreram/sofrem racismo quanto modalidades esportivas que são mais elitizadas, no sentido da falta de representatividade negra devido à dificuldade de acesso aos meios (econômicos, sociais, estruturais, entre outros) como, por exemplo, o tênis.

Outra questão que ficou marcada foi a sexualização do corpo negro. Alguns discentes relacionaram contextos histórico-culturais do racismo com o machismo presente na sociedade. Destacamos uma fala: “a mulher negra é vista como objeto sexual, que serve para diversão, porém, não é bem vista para um casamento. Já o homem negro, por mais que seja um corpo objetificado, o machismo possibilita que ele seja ‘valorizado’ no sentido da sua reputação.

Na medida em que o diálogo foi se constituindo, procuramos tecer novos conhecimentos a partir das narrativas. Fizemos uma breve apresentação com imagens e slides, debatendo alguns termos e conceitos nessa temática, a partir dos estudos de Nilma Lino Gomes (2017, 2005).

Encerramos esses encontros revisitando as fotografias dos alunos, quando eles estavam no segundo ano, onde o grupo participou de atividades desenvolvidas nos espaços dessa Universidade Federal, antes da pandemia, evocando momentos positivos e estímulos

aos novos acontecimentos pós ensino médio, entre tantos, a possibilidade de continuarem discentes na Universidade Pública, cursando o ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros aconteceram a partir de dinâmicas realizadas com base nas teorias multiculturais de educação e na pedagogia da libertação, a partir de discussões sobre os padrões hegemônicos acerca do corpo jovem, e de como isso chega para as aulas de Educação Física com marcas das opressões sofridas de acordo com suas identidades sociais. Além disso, o trabalho focou em atividades que apresentassem possibilidades de se sentirem pertencentes a alguns espaços, aos quais o acesso tem sido historicamente negado, considerando a sua origem social. Damos ênfase à amplitude de suas potencialidades no exercício de suas cidadanias na sociedade contemporânea. Provocamos reflexões acerca de “como o corpo deles foi atingido por essas conversas?” Desafiamos e fomos desafiadas. Os debates como espaços de diálogos foram marcas dos encontros, e evidenciaram nas narrativas o quanto esses discentes foram e são afetados por exclusões e preconceitos. Muitas vezes o silêncio nos deu muitas pistas, ao mesmo tempo que falas fortes e marcantes nos indicavam caminhos potentes para problematizações acerca da temática e de seus desdobramentos nas complexas relações com a vida em tempos de isolamento social.

Essa experiência nos diz de que os jovens querem e precisam falar sobre essas questões na escola e, que as aulas de Educação Física são espaços potentes para isso. Dessa forma, as práticas corporais falam com os corpos sujeitos e abrem possibilidades de outros sentidos e significados para o que pode um corpo.

YOUNG BODIES IN FOCUS IN THE CONTEXT OF PANDEMIC: WHAT CAN A BODY?

ABSTRACT

This report is the result of a survey completed with a group of young people. The common thread came from the question "What can a body do?" with the objective of feeling and problematizing with these students how the processes of "being a body" are being constituted in this pandemic context. The work in the form of Workshops was based on issues raised by students. This experience showed that young people want and need to talk about these issues at school and that Physical Education classes are powerful spaces for these discussions.

KEYWORDS: Bodies; Young; Pandemic

CUERPOS JÓVENES EN PRUEBA EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA: ¿QUÉ PUEDE SER UN CUERPO?

RESUMEN

Este relato es el resultado de una encuesta realizada a un grupo de jóvenes que estudian en la escuela secundaria. El hilo conductor vino de la pregunta "¿Qué puede hacer un cuerpo?" con el objetivo de sentir y problematizar con estos estudiantes cómo se están constituyendo los procesos de "ser un cuerpo" en este contexto pandémico. El trabajo en forma de Talleres se basó en cuestiones planteadas por los estudiantes. Esta experiencia mostró que los jóvenes quieren y necesitan hablar sobre estos temas en la escuela y que las clases de Educación Física son espacios poderosos para estas discusiones.

PALABRAS CLAVES: Cuerpos; Joven; Pandemía

REFERÊNCIAS

CANAU, V. M.; MOREIRA, A. F. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 16, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209/17188>. Acesso em: 27 de set. 2020.

DELEUZE, G. **A lógica dos sentidos**. Tradução Luiz Roberto Salinas Forte. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DELEUZE, G. ; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2004.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. Brasília: Ministério da Educação, p. 39 - 62, 2005.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 4ª ed., p.153, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2ª ed., p. 283, 2017.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

SOARES, et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

Vídeo Naruna Costa: www.youtube.com/watch?v=DdOrWvvoZZE

Vídeo Entrevista Lázaro Ramos com Criolo: www.youtu.be/eP86LuPwUYk

